O novo *Shopping* Popular Cidade das Compras: o que aconteceu em Feira de Santana/BA?

Angelo Azevedo Guimarães Dias[1]

RESUMO

Objetiva-se neste texto, analisar os fatores que impulsionaram a construção de um *Shopping* Popular Cidade das Compras na área do Centro de Abastecimento de Feira de Santana/BA. Feira de Santana possui influência econômica elevada por conta do vetor Centro de Abastecimento, equipamento urbano que atrai centenas de pessoas, seja para comprar ou vender mercadorias, seu raio de abrangência, extrapola os limites do município e se expande para os circunvizinhos da mesorregião, incluindo a capital, Salvador. A pesquisa é de cunho qualitativa para entender as percepções dos sujeitos que (re)produzem o espaço urbano. Para alcançar o objetivo, foram tomados procedimentos: realizou-se um levantamento bibliográfico dos temas: Espaço Urbano, Reforma Urbana, *Shopping* Popular; utilizou-se os autores: Araújo (2005); Santos (2004, 2006, 2008); Corrêa (2003); Padilha (2003); Kopper (2015); Virgens (2016), dentre outros; realizou-se trabalhos de campo para identificar os fenômenos espaciais e as práticas dos sujeitos. Concluiu-se que mesmo o Estado retirando os camelôs e ambulantes das ruas, eles buscaram outros espaços para materializarem-se constituindo um território de resistência. Tal medida é facilmente compreendida como a Modernização Conservadora, com a tentativa de modernizar o Centro comercial da cidade em detrimento dos sujeitos que estão ali inseridos (re)produzindo espaço, capital, território e cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço urbano; (re)modernização; s*hopping* popular

The new Shopping Popular Shopping City: what happened in Feira de Santana/BA?

ABSTRACT

The objective of this text is to analyze the factors that drove the construction of a Popular Shopping City Shopping Center in the area of the Supply Center of Feira de Santana / BA. Feira de Santana has high economic influence due to the vector Supply Center, urban equipment that attracts hundreds of people, whether to buy or sell goods, its radius of coverage, goes beyond the limits of the municipality and expands to the surrounding mesoregion, including the capital, Salvador. The research is of a qualitative nature to understand the perceptions of the subjects who (re) produce the urban space. To achieve the objective, procedures were taken: a bibliographic survey of the themes was carried out: Urban Space, Urban Reform, Shopping Popular; the authors were used: Araújo (2005); Santos (2004, 2006, 2008); Corrêa (2003); Padilha (2003); Kopper (2015); Virgens (2016), among others; fieldwork was carried out to identify the spatial phenomena and the subjects' practices. It was concluded that even though the State removed street vendors and street vendors, they sought other spaces to materialize, constituting a territory of resistance. Such a measure is easily understood as Conservative Modernization, with the attempt to modernize the city's shopping center to the detriment of the subjects who are inserted there (re) producing space, capital, territory and culture.

KEYWORDS: Urban space; (re)modernization; popular shopping

[1] Pesquisador PROBIC-UEFS no Núcleo de Pesquisas e Análises sobre o Território (NUPAT - MT73) Integrante do Grupo de Pesquisa em Espaço Urbano, Turismo e Meio Ambiente (GETAM - MT73) Graduando em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)
e-mail: angeloagdias@gmail.com

INTRODUÇÃO

No processo de produção do espaço, o homem produz ação para alcance de um propósito pré-estabelecido, sendo assim "através do trabalho, o homem exerce ação sobre a natureza, isto é, sobre o meio, ele muda a si mesmo, sua natureza íntima, ao mesmo tempo em que modifica a natureza externa" (SANTOS, 2006, p.53), logo o espaço geográfico, produto e condicionante social, está em constante dinâmica para atender as necessidades da vida em sociedade e no caso do século XXI para proporcionar também o metabolismo do capital.

O espaço urbano imbricado no espaço geográfico, é um exemplo concreto das mudanças ocorridas no mundo por meio do processo da globalização, dessa forma, o urbano é (re)produzido por diversos agentes, logo as ações exercidas pela sociedade nas cidades modificam os espaços, sendo assim, é preciso evidenciar a importância das transformações neste, nas cidades e na sociedade e quais são suas intenções subjacentes.

Isto posto, o espaço urbano é um produto social, com a sua dinâmica proveniente do modo de produção capitalista e das relações sociais, sendo o urbano "fragmentado, articulado, reflexo, condicionante social, cheio de símbolos e campo de lutas" (CORRÊA, 2003, p.11), que está em constante dinâmica, sendo (re)qualificado, (re)modernizado e higienizado para atender as necessidades do capital, se constituindo como polo atrativo de investimentos, uma vez que é nas cidades onde a sociedade se articula e impulsiona a vida humana com maior intensidade por meio do trabalho (SILVA, 2011).

Para que os sujeitos se organizem no meio urbano, é preciso que haja planejamento territorial no/do espaço, tendo em vista as peculiaridades de cada sujeitos ou grupos que produz e/ou reproduz o mesmo, necessitando assim de se considerar o planejamento como um processo dinâmico "que conjuga diferentes áreas disciplinares e diversos agentes locais (sector público e ou privado) em permanente ajustamento e que têm como linha orientadora, a funcionalidade, a atratividade e utilidade do território de acordo com as necessidades da população" (Silva, 2011, p.38,).

O processo do planejamento territorial e da modernização dos espaços urbanos proporciona uma nova "roupagem" a paisagem proporcionando outras dinâmicas à cidade, uma vez que para Silva (2011, p. 11):

> [..] perante a tendência de revitalização e harmonização do território, através da recuperação, requalificação, conservação, proteção, manutenção, dinamização, promoção e divulgação dos recursos endógenos das áreas urbanas, o planeamento surge assim como um processo dinâmico (contínuo e flexível).

Dessa forma, considera-se que o planejamento deve estar atrelado as políticas públicas voltadas

aos interesses da sociedade em geral, levando em conta as discrepâncias que existem no contexto socioeconômico de uma dada cidade. Tendo em vista o fenômeno da modernização dos espaços urbanos, a cidade de Feira de Santana/BA em especial o Centro de Abastecimento, o qual está inserido no programa de reordenamento territorial do setor terciário, com a proposta de (re)qualificar, (re)modernizar, (re)organizar e revitalizar; alterando assim a sua paisagem na dimensão cultural (re)estruturando a dinâmica do circuito inferior da economia feirense.

Todavia em Feira de Santana, é possível identificar a forte influência do Centro de Abastecimento, equipamento urbano central do setor comercial, que atrai centenas de pessoas, seja para comprar ou vender mercadorias diversas. O seu raio de abrangência, inclusive, extrapola os limites territoriais do município e se expande para os circunvizinhos da sua mesorregião, incluindo a capital baiana, Salvador. Dessa forma, o Centro de Abastecimento se consolida como importante vetor e polo econômico-comercial da cidade, manifestação do capital, do trabalho e da cultura feirense.

O Centro de Abastecimento inaugurado em 7 de novembro de 1976, faz parte do patrimônio paisagístico de Feira de Santana e vem passando por diversas reformas na sua estrutura física ao longo da sua história. Em 2016 tem início a sua maior e mais incisiva reforma ou demolição, que seria a construção de um *Shopping* Popular Cidade das Compras, no qual já vinha sendo discutido pelos agentes públicos e privados desde 2013, ou seja, será/seria um novo equipamento urbano construído subjacente ao antigo com o ideal de modernidade embutido em seu projeto.

Objetiva-se, portanto na presente pesquisa, analisar os fatores que impulsionaram a construção de um *Shopping* Popular Cidade das Compras no espaço do Centro de Abastecimento de Feira de Santana na segunda década do século XXI. Para aí chegar, foi preciso consultar, catalogar e analisar documentos oficiais, fotografias históricas e atuais, fazer uma análise do contexto socioeconômico da cidade através de dados de anuários e daqueles produzidos por agências especializadas como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Posteriormente, foi preciso identificar o papel do Estado nesse processo, bem como as ações da iniciativa privada; consequentemente extrair os dados necessários para compreender e identificar as vantagens e desvantagens desse processo para a dinâmica econômica dos comerciantes envolvidos nesse contexto; verificar qual a real parcela da população feirense irá se beneficiar com a (re)construção deste equipamento urbano.

Este artigo poderá contribuir para ampliar o conhecimento sobre a dinâmica urbana dos espaços e da paisagem das cidades de modo geral, bem como evidenciar o papel do Estado, do Poder privado e dos demais agentes (re)produtores de espaço, nesse processo, suscitar

questionamentos e reflexões sobre como a ação da sociedade (re)produz e modifica o espaço urbano e quais os rebatimentos provenientes deste processo na vida cotidiana e na configuração territorial da cidade, estudo voltado para a cidade de Feira de Santana no Agreste baiano, mas que poderá ser dilatado para a compreensão desses fenômenos em outras cidades do Brasil.

No âmbito social a presente pesquisa poderá contribuir para dilatar a discussão acerca do comércio formal e informal nos circuitos superior e inferior da economia da cidade de Feira de Santana, apresentando a sociedade a sua enorme capacidade de movimentar capital; podendo ainda instrumentalizar geograficamente os habitantes sobre os aspectos culturais que permeiam o comércio de rua, e as manifestações culturais de trocas que acontecem no dia a dia do Centro de Abastecimento. Este estudo socialmente pode ser ampliado para outras cidades com comércio de rua de importância econômica.

Procedimentos sistemáticos para descrever e explicar o fenômeno em estudo foi nesse caso, o método qualitativo de abordagem e de análise do fenômeno geográfico que é: como o S*hopping P*opular pôde trazer uma nova configuração urbana ao Centro de Abastecimento e na cidade de Feira de Santana?

Para compreender o processo de modernização do Centro de Abastecimento, foi preciso verificar *in loco* como os processos sociais são (re)produzidos neste, refletindo acerca das materializações nas rugosidades por meio do modo de produção capitalista; e como este interfere na vida dos sujeitos e dos agentes (re)produtores de espaço inseridos no Centro de Abastecimento, tendo em vista a sua singularidade espacial, e a espacialização dos processos sociais.

Destarte, a pesquisa qualitativa se mostra importante para compreender as percepções dos sujeitos que (re)produzem o espaço urbano, no contexto do século XXI, existem questões sociais que estão imbricadas no Centro de Abastecimento de Feira de Santana/BA, logo é importante também adentrar no seu contexto histórico, geográfico, cultural, político e espacial desse entreposto comercial, para isso como procedimento, forma feitas trabalhos de campo constantes em órgãos públicos e privados; no memorial da cidade, para poder descrever, analisar e interpretar o mais fiel possível da realidade (OLIVEIRA, 2007).

Para alcançar os objetivos propostos, os seguintes procedimentos foram tomados. Incialmente, realizou-se um levantamento bibliográfico a respeito dos temas inerentes a pesquisa, como Espaço Urbano, Espaço Geográfico, Reforma Urbana, *Shopping* Popular. Destaca-se os principais autores: Alessandra Oliveira Araújo (2005); Milton Santos (2004, 2006, 2008); Roberto Lobato Corrêa (2003); Valquíria Padilha (2003); Jânio Santos (2008); Moisés Kopper (2015); Silvia Catarina Araújo das Virgens (2016); dentre outros.

Paralelamente a pesquisa bibliográfica, foram realizados também levantamentos de dados em sites e bancos de dados oficiais do Governo Federal; Governo do Estado da Bahia; Prefeitura Municipal de Feira de Santana/BA (PMFS); Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) e o Sistema Eletrônico de Informações da Bahia (SEI/BA).

Para ampliar o banco de dados, foram realizadas também diversos trabalhos de campo, com a iniciativa de compreender a espacialização dos processos sócias que se davam nas Avenidas Getúlio Vargas e Senhor dos Passos, nas Ruas Marechal Deodoro da Fonseca, Conselheiro Franco, Intendente Rui, Vitório Gouveia, 18 de setembro e Carlos Gomes; foi investigado também as praças Bernadinho Bahia, do Nordestino e o Calçadão da Sales Barbosa. Paralelamente foram feitas também inúmeras visitas ao Centro de Abastecimento e ao atual *Shopping* Popular Cidades das Compras[2].

Foi preciso fazer observações de campo para compreender e vivenciar o objeto a ser analisado, investigar como se dar a (re)produção do espaço vivido dos sujeitos inseridos no Centro de Abastecimento, e explorar a percepção espacial e subjetiva das relações humanas constituídas com o sentimento de pertencimento ao lugar, pois é preciso por meio da visita de campo "identificar e obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento" (Lakatos e Marcone, 1996, p. 79).

Foram produzidas fotografias dos fenômenos espaciais que se materializaram no processo de modernização do Centro de Abastecimento e mapas para espacializar e localizar o leitor acerca dos fenômenos aqui discutidos. Todo material recolhido, foi analisado a luz das teorias que nortearam a pesquisa. Por fim foi redigido o texto final.

CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA/BA

Feira de Santana é um município que está localizado no Território de Identidade do Portal do Sertão (FIGURA 01) a 109 km de distância da capital baiana Salvador, e 88 km em linha reta dela, sendo conectada pela BR 324, ocupando uma área de 1.338,0 km² (SEI/BA). O município é cortado por três rodovias federais: BR-324; BR-116 (eixo Norte e Sul); BR-101. Três rodovias estaduais: BA-503; BA-502; BA-052. É atendida também pelo Aeroporto Governador João Durval Carneiro.

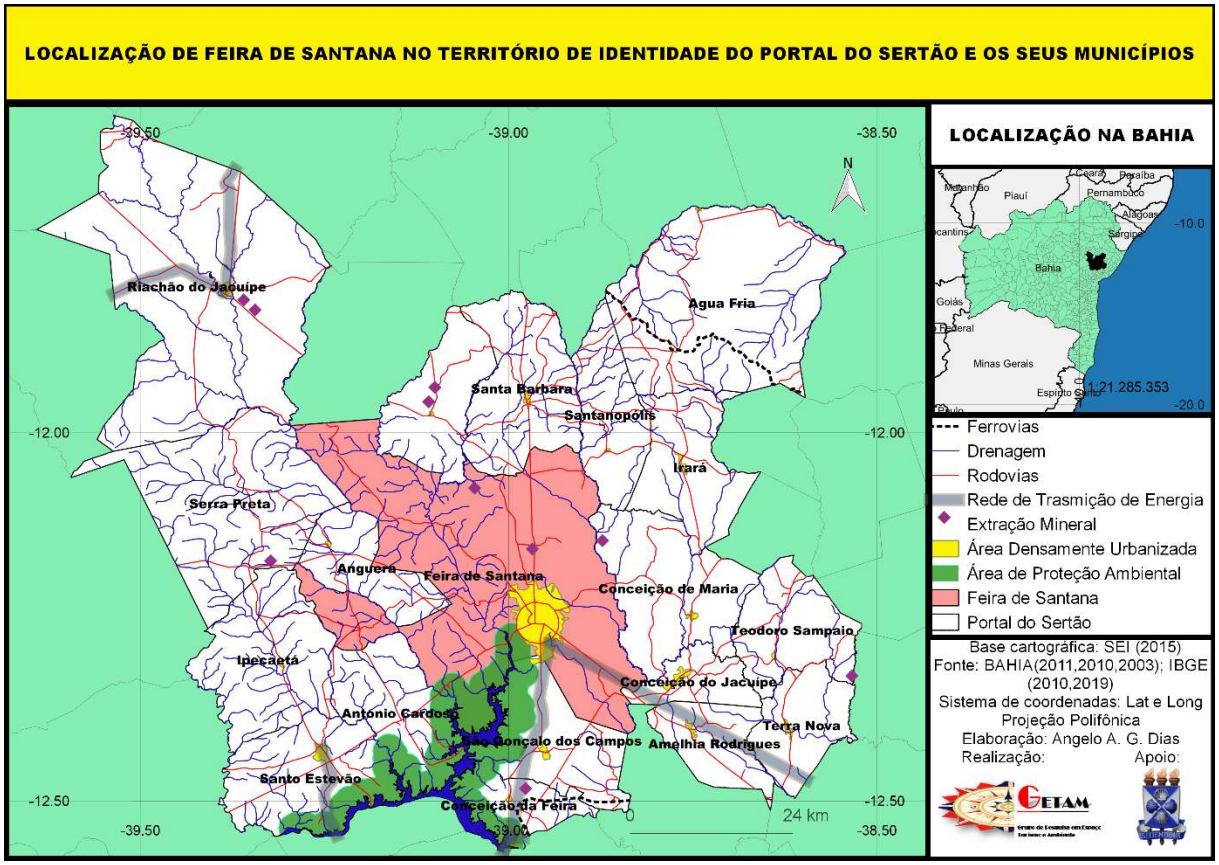
O município possui um contingente populacional com cerca de 614.872 habitantes (IBGE, 2019) sendo a densidade demográfica de 416.03 hab/km² (IBGE, 2018). Segundo o IBGE (2015) Feira de Santana possui um Produto Interno Bruto per capita (PIB) de R$19.370,53 que refletem no Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IBGE, 2010), sendo a taxa de 0.712 estabelecendo-se

[2] Este que ainda está em processo de conclusão da construção no período da pesquisa.

enquanto uma cidade de desenvolvimento humano mediano, no censo do IBGE (2010) o índice de urbanização era de 91,7% logo é possível depreender que a maior parcela população está localizada na zona urbana.

Vale ressaltar que a participação econômica dos setores de Agropecuária, Indústria, Serviços e Comércio no PIB do município segundo estáticas do IBGE e da SEI/BA do ano de 2013 eram de 0,5%, 24,8% do e 74,7% respectivamente. Dessa forma convém destacar a importância do setor de comércios e serviços, já que Feira de Santana se desenvolve através da influência do comércio de rua a nível regional, porém ele não entra nas estatísticas oficiais, mas torna-se o vetor mais representativo no PIB municipal.

FIGURA 01



Na atualidade a nível de comparativo proporcional da rede hierárquica de municípios Feira de Santana é compreendida como um importante entreposto comercial conhecido nacionalmente e caracterizado segundo o IBGE (2007) como uma Capital Regional B[3], que mantém importantes conexões com quase todo estado da Bahia, e para além delas, também ligações externas relevantes com São Paulo, Belo Horizonte e Brasília. (ARAÚJO, 2005)

[3] É preciso levar em consideração que a cidade no ano da publicação do quadro de referência da rede urbana brasileira (IBGE) Feira de Santana possuía 571.997 habitantes (IBEG, 2007), diferentemente do atual contingente populacional da estatística de 2018.

***SHOPPING CENTER*: breve discussão**

O estilo de vida no modo de produção capitalista é singular, em especial para os sujeitos que estão inseridos nos centros urbanos[4] espalhados pelo globo, assim como, a forma de consumir, o que é consumido e os produtos utilizados cotidianamente são ditados através da lógica de reprodução ampliada do capital, nesse contexto as classes sociais que possuem capacidade de consumo apropriam-se dos *shoppings centers* com as suas respectivas lojas âncoras[5] para efetuar compras.

A história de consumo por meio dos *shoppings centers* é influenciada pela (re)significação do estilo de vida da sociedade do século XX no pós-guerra. Para Padilha (2003, p. 66) "os *shoppings centers* surgem principalmente como projeto de tornarem-se remédios para os males urbanos, preenchendo o vazio existencial na vida das pessoas que restou após a guerra". Pois é após a Segunda Guerra Mundial que os *shoppings centers* se materializam no espaço geográfico, (re)estruturando a produção dos espaços urbanos e ditando uma outra forma de consumo nos Estados Unidos da América. Logo é nos EUA que surgem os primeiros *shoppings centers,* (re)significando a percepção de consumo dos sujeitos com potencial econômico para efetuarem compras.

Para Padilha (2003, p. 69):

> Nos anos entre 1930 e 1940, os Estados Unidos sofrem uma importante depressão econômica, o que freia, ao menos temporariamente, o amadurecimento deste tipo de comércio. No entanto, os anos do pós-guerra significam uma retomada do fôlego para o desenvolvimento dos mercados, dando à luz os gigantes *shopping's center's* regionais. Estes *shopping's center's* iam sendo construídos, de costa a costa, nas áreas suburbanas nos Estados Unidos, provocando a descentralização das cidades.

A partir do momento em que são criados equipamentos urbanos com uma elevada variedade de lojas e serviços que antes eram possíveis de serem encontradas apenas nos centros das cidades, e agora as mesmas podem ser acessadas nos subúrbios, área próxima às camadas econômicas mais elevadas, assim ocorre o fenômeno da (re)organização espacial da cidade, modificando de forma significativa o estilo de vida dos citadinos, (re)estruturando a dinâmica comercial das cidades por meio dos *shoppings centers.* Logo o ideal de modernidade almejado pelo Poder Público com esse equipamento pode ser verificado com a descentralização dos serviços e produtos dos centros das cidades.

Os *shoppings centers* são a união dos interesses dos consumidores com poder aquisitivo com a dos gestores e planejadores desses equipamentos urbanos, na qual são (re)produzidos estilos de

[4] Também no espaço rural, pois é um espaço que também sofre as modificações desse modo de produção.

[5] São as lojas que atraem consumidores para os *shoppings centers*, ou seja, são as com maiores variedades de produtos, ou com maior reconhecimento nas múltiplas escalas espaciais.

consumo influenciados pelo tripé da lógica das empresas e lojas varejista dos *shoppings centers* que é: o consumo por impulso; por conveniência; por necessidade. (PADILHA, 2003).

Para Virgens (2016, p. 25) os *shoppings centers* na atualidade são:

> [...] empreendimentos constituídos a partir de lojas alugadas, geralmente quantificadas a partir da sua Área Bruta Locável (ABL), que oferecem serviços tais como aqueles providos pelos SAC (Serviço de Atendimento ao Cidadão), bancos, salões de beleza, casas de câmbio, agências de turismo, pet shops, lavanderias, sapatarias, lotéricas, entre outros, e/ou lazer – enquadram-se nesta categoria operações como cinema, teatro, casas de show, diversões (parques/videogames) boliche, bingo, museus, espaços culturais, etc. – em ambiente climatizado, com estacionamento.

Podemos observar que o *shopping center* é um equipamento urbano que agrega diversas lojas e serviços com a finalidade de descentralizar o centro da cidade, proporcionando, assim uma (re)significação na forma de efetuar compras. Ainda é possível verificar que são empreendimentos destinados para uma parcela social com maior poder aquisitivo disponível, pois em sua maioria são construídos em áreas afastadas dos centros da cidade, e os mesmo possuem também uma loja ancora que funciona como vitrine ou chamariz do *shopping.*

Para Santos (2008, p. 160) os *shopping's center's* são:

> [...] um produto do rearranjo no processo de reprodução do capital e exprime um contemporâneo jogo de interesses urbanos. Por outro lado, tornou-se uma condição para que esse processo se realize, principalmente, no que diz respeito ao capital comercial e imobiliário, na medida em que, através dele, são engendradas novas lógicas de valorização do/no espaço e de comercialização do/no solo urbano.

O (re)arranjo da dinâmica do modo de produção capitalista, é possível verificar nos processos na qual a sociedade de consumo (re)significa os usos dos espaços, em especifico no momento do ócio e do lazer, que é uma característica específica do metabolismo e da reprodução ampliada do capital no século XX, sendo intensificadas no XXI, aspectos esses que materializam no espaço geográfico novos processos, assim como: a (re)valorização do solo urbano; a especulação imobiliária; e a (re)estruturação das redes técnicas e etc.

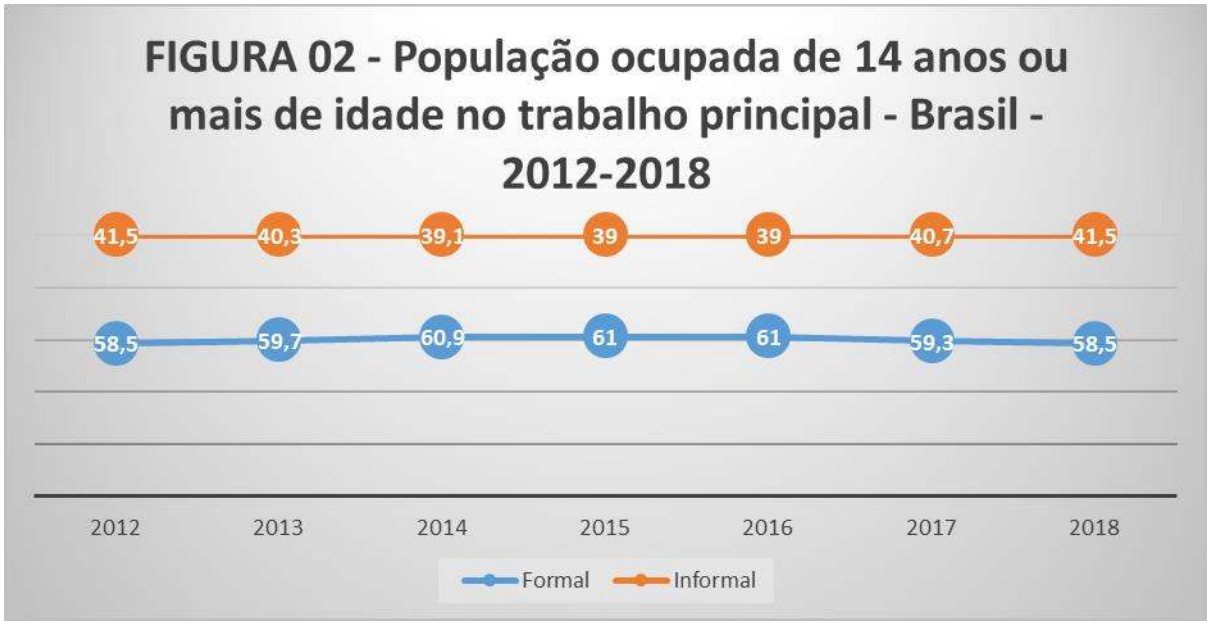
O espaço de consumo é voltado especificamente para uma população de elevado poder aquisitivo. Porém, nem toda a sociedade está inclusa nos usos desse equipamento urbano, e quando ela far-se-á presente nesse, desenvolve funções laborais em prol do capital comercial, a exemplo dos colaborares dos *shoppings centers* que vendem sua força de trabalho gerando mais-valia aos lojistas, locatários etc. Para sanar e/ou atender essas discrepâncias sociais cria-se os *shoppings* populares, na qual empresas e construtoras desenvolvem projetos para tal atender agora outra demanda social.

***SHOPPING* POPULAR: o caso de Feira de Santana/BA**

No atual contexto brasileiro, que o país está imerso em uma crise econômica derivada da bolha do mercado imobiliário dos EUA, na qual estamos sentindo os seus rebatimentos desde o ano de

2015, logo, o nível de desemprego (FIGURA 02) tem-se elevado gradativamente, contribuindo assim, para a ascensão das taxas de informalidade no país.

Dessa forma é visível através da figura 02 o quanto a linha tênue da informalidade está se elevando no Brasil desde os anos de 2015, sendo essa parcela da população com baixo grau de escolaridade, se submetem às condições de trabalho precarizados. Muitos para tentar sobreviver no modo de produção capitalista, vão para a informalidade, sem direito aos serviços sociais básicos inerente ao trabalhador, assim como, a Previdência Social, direitos trabalhistas, Fundo de Garantida do Tempo de Serviço (FGTS), dentre outros. São impulsionados ao circuito inferior da economia a se tornarem trabalhadores de rua, que aqui compreende-se como: camelôs; vendedores ambulantes; entregadores de comida por aplicativo; motorista de aplicativo; dentre outros, isso quando não sucumbem no comércio clandestino do narcotráfico, ou são empurrados a prostituição.



Fonte: IBGE, 2019
Elaboração: o autor

Mas aqui iremos discutir a função dos camelôs e ambulantes, frente a precarização do trabalho, pois os indivíduos que antes possuíam uma estabilidade financeira em empregos de carteira assinada, agora tornam-se trabalhadores de rua, modificando assim, a paisagem urbana. Nesse sentido o Estado tenta de diversas formas retirar esses profissionais das calçadas, construindo em parceiras com empresas privadas Camelódromos, que em sua maioria ficam próximo ao centro da cidade e em um local com grande ou pouco fluxo de pessoas (KOPPER, 2015).

A cidade de Porto Alegre no Rio Grande do Sul passou por esse fenômeno no final da primeira década dos anos 2000, e se intensificou na segunda década, porém como estratégia de *marketing* para atrair mais compradores ao Camelódromo, a empresa gestora do mesmo passou a chama-lo

de *Shopping* do Porto caracterizando-o como *Shopping* Popular, ou seja, modificando o nome do equipamento urbano para agregar valor a ele, e atrair uma camada da população com mais poder aquisitivo, que seria a classe média, consumindo consequentemente produtos (i)legais, e contrabandeados. (KOPPER, 2015)

Logo podemos compreender que a ideia da construção de um equipamento urbano como o *Shopping* Popular não seria apenas para realocar comerciantes ambulantes e camelôs para um local fechado, mas também com a intenção de ocultar da paisagem urbana as mazelas sociais consolidadas pelo modo de produção capitalista na estrutura social brasileira, e ainda efetivando o enriquecimento do setor privado que constrói os espaços e os alugam chamando-os de *box's*[6].

Segundo Augusto & França (2004, p.01):

> [...] a construção de camelódromos [...] não soluciona o problema porque o comércio ambulante se estrutura em locais onde há um grande número de pedestres, e soluções desse tipo deslocariam o camelô para uma área afastada do percurso diário do seu 'mercado consumidor.

O deslocamento dos camelôs e vendedores ambulantes do circuito de fluxo de pessoas mais intenso de Feira de Santana (FIGURA 03), pode proporcionar a falência de muito destes, em específico por conta da distância, dos altos preços dos aluguéis, ou seja, antes estes estavam centralizados e tinham o papel de centralizador, não pagavam aluguel, pois estavam nas calçadas principais da cidade, e agora são empilhados em um equipamento urbano, obrigados a pagar água, luz e aluguel.

Então a precarização do trabalho e a exploração da mão de obra alavanca quando analisamos sob essa ótica. Observando o caso de Feira de Santana/BA, podemos inferir (FIGURA 04) o quanto a crise econômica de 2014 consolidou o desemprego na cidade, consequentemente a redução de pessoas ocupadas formalmente.

Anterior à crise econômica havia um contingente populacional ocupado de cerca de 23,8% da população feirense, e após a economia entrar em colapso passou a ser apenas 21,1% da população, número esse que contribui para explicar como o centro de Feira de Santana está sendo ocupado por trabalhadores de ruas, onde atualmente é complicado transitar nas principais Avenidas como Senhor dos Passos e Getúlio Vargas e no calçadão das Ruas Sales Barbosa e Marechal Deodoro sem se esbarrar com algum ambulante, camelô ou consumidor. Qual a fonte dos dados ?

Segundo Oliveira e Ponte (2009, p. 10):

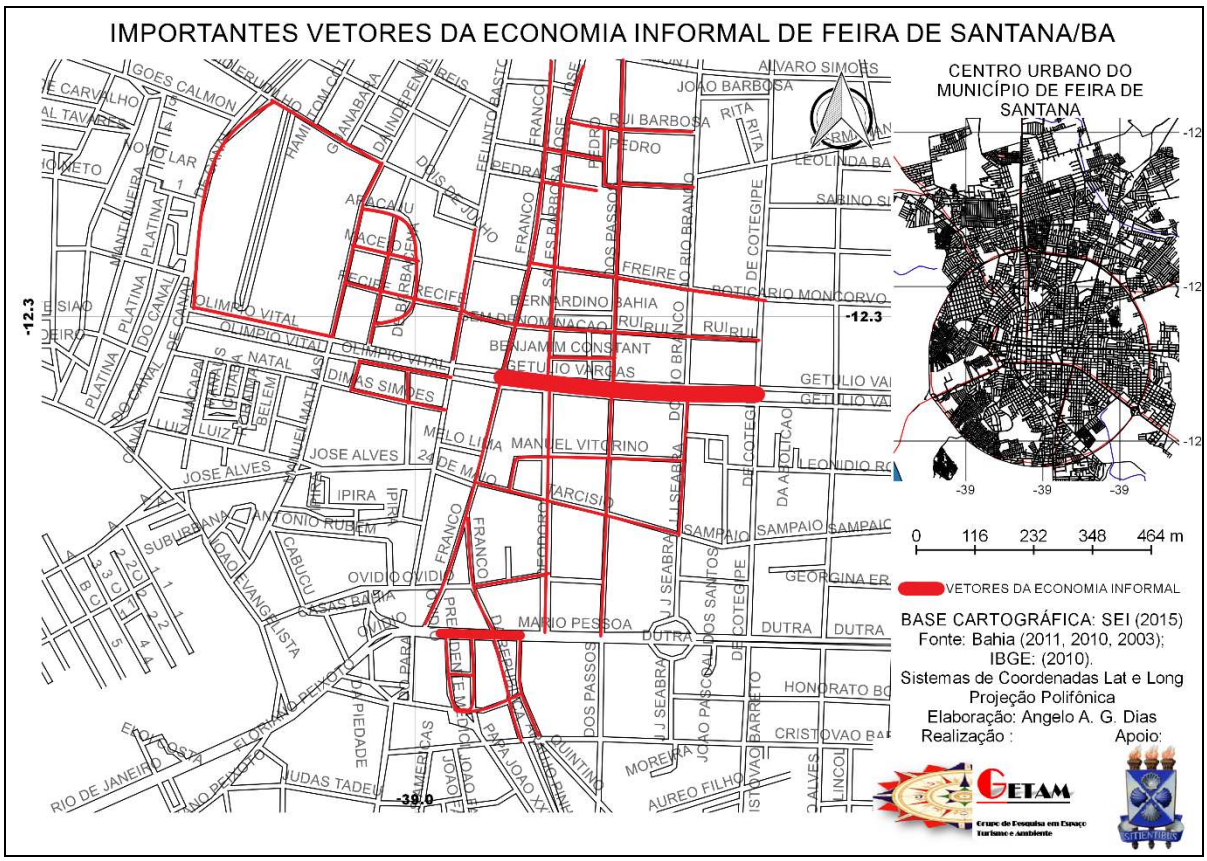
> Quando a economia oprime a sociedade, esta entra em ebulição; pode explodir organizadamente ou não. A física da revolta, como sempre, obedece a uma lógica

[6] São as lojas dos comerciantes no *Shopping Popular*, que normalmente são bem pequenos e no formato de uma caixa.

> imprevisível. Em cada país percebem-se respostas diferenciadas. Os movimentos sociais protestam, ora pacificamente, ora com ações diretas, destruindo símbolos ou mesmo o que identificarem materialmente como causas da opressão. [...] Muitas vezes a sociedade se mantém em completa apatia, mesmo diante de violentas agressões ao ambiente natural ou de prolongados períodos de recessão e desemprego.

É perceptível que o caso brasileiro, em especifico em Feira de Santana, a população encontra-se em completa apatia, mesmo frente a privatização de empresas públicas, a precarização do trabalho, que agora se manifesta e cobre-se com a mascará do microempreendedor, do trabalhador que faz o seu próprio horário de trabalho, nem que para isso seja preciso andar muitos quilômetros com várias sacolas de produtos para vender, ou estar exposto nos calçadões sem seguridade e de forma precária para poder ser também peça do modo de produção capitalista. Pois o mesmo que antes vendia sua força de trabalho e possuía direitos, hoje vende suas horas de vida e não possui nenhuma seguridade social, esse então é o modo de produção no circuito inferior da economia.

MAPA 03



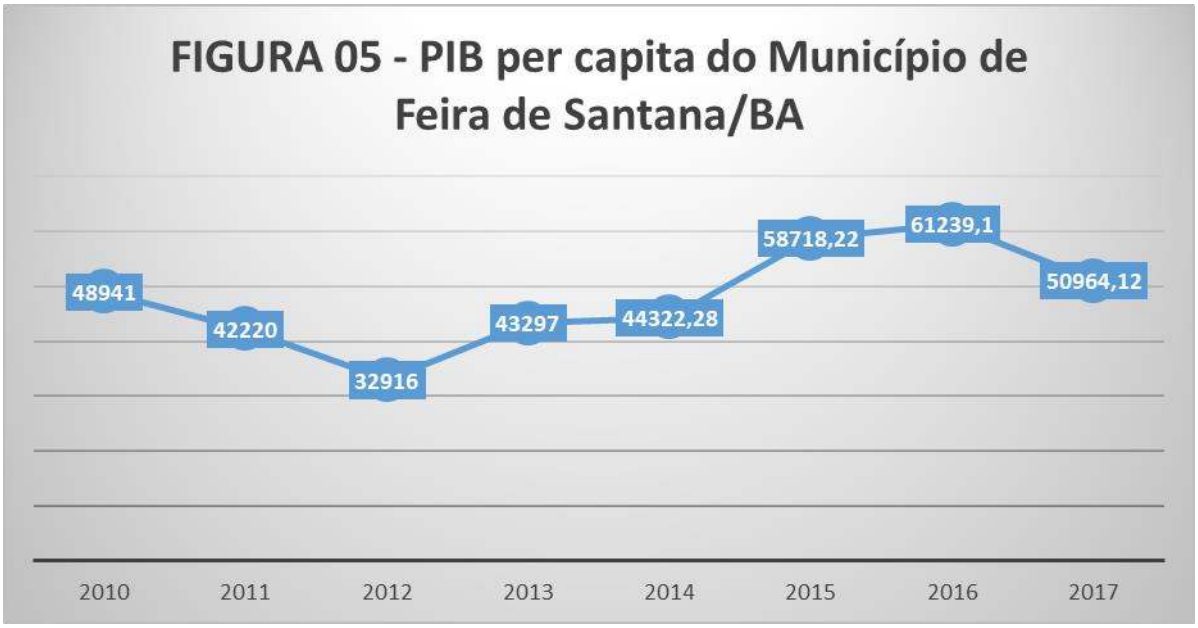
Ao observar o PIB per capita do município de Feira de Santana (FIGURA 05), é visível que a crise econômica também atingiu-a, e sendo assim, não conseguiu equilibrar as suas contas, pois temos períodos de queda acentuada, intercalados com elevados rendimentos, uma imagem que parece ser uma “montanha russa”, características essas que efetivam rebatimentos na vida do cidadão feirense, pois quanto menor o PIB menos os habitantes se beneficiam de políticas públicas,

levando em consideração que o PIB é a soma de todos os bens do município, constatamos que Feira de Santana está com dificuldades em manter-se estável.

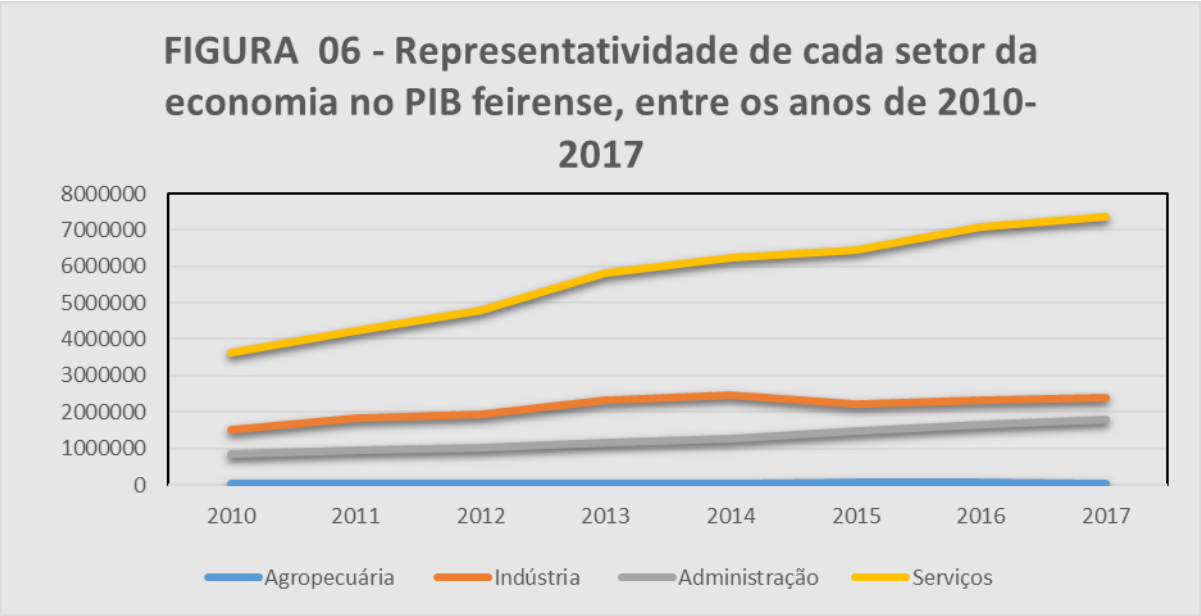


Fonte: IBGE, 2020
Elaboração: o autor

Ao observar a representatividade de cada setor da economia do PIB feirense (FIGURA 06), podemos ter um panorama genérico de como está organizada a estrutura social no atual contexto do município, é visível que quem menos contribui para o setor é a Agropecuária, fator esse que poderia ser explicado pelo fato de que mais de 90% da população reside na zona urbana, e grande parcela que reside na rural migra para a cidade para trabalhar, logo teremos uma contribuição desse setor muito baixa, que se contrapõe aos setores da Indústria e Serviços, sendo os Serviços e o comércio o "carro-chefe" de Feira de Santana.



Fonte: IBGE, 2020
Elaboração: o autor



Fonte: IBGE, 2020
Elaboração: o autor

Dessa forma é possível depreender através da comparação entre as figuras que após o início da crise no Brasil, os indivíduos que antes exerciam função nos setores como a Administração e Indústria migrarão para o setor de Serviços, temos então a elevação exponencial na representatividade do PIB. Serviços esses que podem ser compreendidos como os ambulantes, camelôs, motoristas de aplicativo, ou seja, os trabalhadores de rua.

Feira de Santana por ser uma cidade conhecida por seu intenso e poderoso comércio, consegue agregar mais trabalhadores de rua, pois é onde eles veem a possibilidade de se manter nesse período de recessão, concorrendo com os camelôs que já ocupavam essas ruas e avenidas principais do centro da cidade, criando assim uma alienação no trabalho.

Para Viena (2009 falta indicação da página):

> [...] a alienação se caracteriza pela heterogestão e o trabalho alienado pela direção do não-trabalhador sobre o trabalho do produtor. Portanto, a alienação é uma relação social específica, marcada pela direção de um ser humano sobre outro e o trabalho alienado é caracterizado pelo domínio de não-trabalhador sobre o trabalhador no processo de produção. Por conseguinte, a alienação não é um processo que ocorre no mundo da consciência, embora provoque efeitos sobre este, e sim uma relação social.

Logo é possível verificar que os camelôs e ambulantes estão inseridos na relação social da alienação, mesmo vendendo mercadorias que são contrabandeadas, eles favorecem o enriquecimento de empresas e indústrias estrangeiras, tornando-se engrenagens do modo de produção capitalista, pois produzem a mais-valia informalmente, e desenvolvem um trabalho alienado quando pensamos nas condições de trabalho, e a necessidade de vender os seus produtos para obter um lucro sobre eles, seguindo a ideia mercadológica do capitalismo.

CONSTRUÇÃO DO *SHOPPING* POPULAR CIDADE DAS COMPRAS NO INTERIOR DO CENTRO DE ABASTECIMENTO

O *Shopping* Popular Cidade das Compras (FIGURA 07) que está em processo de conclusão das obras no período de vigência da presente pesquisa e no qual iniciaram as entregas das chaves dos *box's* no dia 15/02/2020[7] em um evento com a presença do atual prefeito de Feira de Santana Colbert Martins Júnior e do Secretário de Trabalho, Turismo e Desenvolvimento Econômico Antônio Carlos Borges Júnior. Foi então organizado um cronograma (FIGURA 08) para a entrega dos *box's*, sendo que serão rever tempo verbal aqui futuro abaixo passado entregues nos dias 17/02/2020 para os "permissionários dos setores de gráficas, revistas, fotos, serviços, cama, mesa e banho, utilidades domésticas, bordados, variedades, produtos químicos, embalagens, arranjos de flores, etc." (PMFS, 2020) e no dia 18/02/2020 para os "setores de chaveiro, eletro/eletrônicos e importados, acessórios para celular, CD e DVD, assistência técnica e alimentação" (PMFS, 2020).

Segundo a PMFS (2020) o ato também foi acompanhado pelos secretários de Comunicação: Valdomiro Silva; Administração: Sebastião Cunha; o presidente da Fundação Hospitalar: Gilberte Lucas; juntamente com o vereador Marcos Lima. O *Shopping* Popular ganhou o nome de *Shopping* Cidade das Compras, reafirmando o discurso da elevada potencialidade do comércio feirense, no dia 15/02/2020 no ato, o Prefeito afirmou que "esse equipamento é uma grande oportunidade para aqueles que estão nas ruas como camelô. Aqui terão conforto, segurança, estacionamento, melhores condições para trabalhar e receber os clientes" (PMFS, 2020), e seguindo nessa perspectiva a Prefeitura diz que o Cidade das Compras será o maior e mais moderno *Shopping* Popular do Norte e Nordeste do país, dado esse que ainda não é possível aferir a veracidade, pois é preciso um outro estudo comparativo e não apenas especulações.

Porém o Cidades das Compras está longe de ser um *Shopping* moderno e inovador (FIGURA 09), é visível que a infraestrutura é de má qualidade e que em períodos de chuva a água adentra no mesmo, a figura 09 foi capturada no dia da entrega das chaves, logo é essa estrutura que a PMFS vai disponibilizar para os trabalhadores de rua.

Essa é uma história que está longe de terminar, e não é nem o começo da mesma, tendo em vista que a PMFS possuía interesse em higienizar o centro comercial da cidade desde os anos de 2013 quando foi lançado projeto Pacto da Feira, na qual foram feitas supostas "consultas públicas" sobre tal empreendimento.

[7] Devido a Pandemia do Sars-CoV-2 provocador da doença *Corona Virus Disease* 2019 (COVID-19), a entrega das chaves foi interrompida por tempo indeterminado, assim como, o funcionamento de alguns setores da economia.

FIGURA 07: *Shopping* Cidade das Compras em fase com conclusão



Fonte: o autor, 2019

O então prefeito José Ronaldo de Carvalho no ano de 2015 lançou um edital público de licitação para uma parceria público-privada de ordem milionária com a Secretária Municipal do Trabalho, Turismo de Desenvolvimento Econômico do Município de Feira de Santana (SETTDEC), com o intuito de contratação de uma empresa que possa ter a "Concessão Comum com Subsídio para a Construção, Operação, Manutenção e Exploração Econômica do Centro de Comércio Popular de Feira de Santana." (PMFS, 2015, p. 02)

Segundo a PMFS (2015, p. 05):

> As informações, estudos, pesquisas, investigações, levantamentos, projetos, planilhas e demais documentos ou dados, relacionados ao CENTRO DE COMÉRCIO POPULAR de Feira de Santana e à sua exploração, disponibilizados pela SETTDEC, foram realizados e obtidos para fins exclusivos de precificação da CONCESSÃO, não apresentando, perante os potenciais LICITANTES ou perante a futura CONCESSIONÁRIA, qualquer caráter vinculativo.

Nesse sentido, a PMFS já vinha fazendo estudos para a viabilidade do projeto em questão, na qual a "consulta pública" com os trabalhadores de rua foi efetivada de por meios não morais, pois quando buscou-se as consultas as mesmas não foram encontradas e quando solicitado aos órgãos públicos os mesmo não proporcionam o acesso, logo foi uma articulação no findar das luzes, organizada de forma arbitrária para que a população não tivesse acesso as informações sobre e se instrumentalizar em prol dos seus direitos. Questão que é insuficiente no edital de licitação em que a PMFS estipulou um prazo de concessão muito longo conforme o artigo: "4.1.26. PRAZO DA CONCESSÃO: o prazo de vigência da CONCESSÃO, fixado em 30 (trinta) anos, contados a partir da

Data de Assinatura do Contrato da CONCESSÃO, que poderá ser prorrogado apenas nas hipóteses da cláusula 17.5.2. do CONTRATO" (PMFS, 2015, p. 09).

FIGURA 08 – Chamada para a entrega de chave dos *box's* do *Shopping* Popular Cidade das Compras



FONTE: SETTDEC, 2020

São destinados 30 (trinta) anos para a exploração do equipamento urbano, que foi financiado e subsidiado com dinheiro público, ou seja, um pequeno grupo de atores econômicos[8] possuirão o monopólio do Cidade das Compras por três décadas, não podendo a Prefeitura receber e ou cobrar pelo aluguel, são 1800 *box's* que serão abusados e usados para o enriquecimento da iniciativa privada, enquanto que a PMFS poderia construir esse equipamento e recolher apenas os impostos sobre o uso do solo urbano de cada um dos *box's*, como é feito atualmente no Centro de Abastecimento.

[8] Grupo UAI

FIGURA 09 – Interior do *Shopping* Popular Cidade das Compras



Fonte: o autor, 2020

Tornar-se-á visível como Feira de Santana está imersa em políticas neoliberais, proporcionando o enriquecimento do privado em detrimento do público, tentando reduzir os tentáculos do Estado, e os indivíduos que efetivamente farão uso e dedicarão suas horas de vida para o trabalho insalubre e a necessidade de pagar uma "taxa" de R$540,00 (quinhentos e quarenta reais) para seu "locatário" por trinta anos, sem saber se após esses anos o *box* poderá ser usado pelo comerciante.

Via de regra, em toda obra pública no Brasil, acontecem atrasos em sua entrega, esse equipamento deveria ter sido entregue originalmente em 2016, pois a PMFS estipulou um prazo de 12 meses para a empreiteira e a entrega dela, conforme abaixo o artigo do edital de licitação: 4.1.27. PRAZO DA OBRA: o prazo estimado para a realização da construção do CENTRO DE COMÉRCIO POPULAR de Feira de Santana, previsto em 12(doze) meses contados da data de aprovação do projeto executivo pelo PODER CONCEDENTE. (PMFS, 2015, p. 09)

Todavia, a obra só ficou "pronta[9]" no início do ano de 2020, com uma grande coincidência de ser o ano de eleição para os cargos de vereadores e prefeitos, a questão que entra aqui é, será que não

[9] Parcialmente, porém sem condições de uso.

foi uma jogada política o atraso das obras, e a entrega no ano eleitoral? Tendo em vista que a empresa licitatória ganhou a concessão no dia 28/10/2015 e foi publicado no Diário Oficial do Estado da Bahia no dia 29/10/2015, conforme abaixo:

> EXTRATO DO CONTRATO LICITAÇÃO 108/2015 - CONCORRÊNCIA PÚBLICA 014/2015 CONTRATO: 361/2015/14C. CONTRATANTE: MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA. CONTRATADO: CONSSECIONARIA FEIRA POPULAR S/A. OBJETO: Concessão Comum com Subsídio para a Construção, Operação, Manutenção e Exploração Econômica do Centro de Comércio Popular de Feira de Santana. DATA DO CONTRATO: 21/09/2015. VALOR: MAIOR ÔNUS VARIÁVEL MÍNIMO de 1% (um por cento). Feira de Santana, 28/10/2015 - José Ronaldo de Carvalho. Prefeito Municipal. Data (29/10/2015) DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DA BAHIA (BAHIA, 2015, p. 01)

Segundo o edital de licitação a PMFS entraria com um subsídio de R$13.000.000,00 (treze milhões de reais) a ser conferido ao concessionário para os investimentos da concessão, um valor bem elevado apenas para investimento, tendo em vista que o valor do contrato corresponde ao valor estimado de investimentos na concessão, cujo montante corresponde a R$ 92.200.000,00 (noventa e dois milhões e duzentos mil reais).

É importante depreender que durante trinta anos a concessionária ganhará milhares de reais em retorno, tendo esse valor do contrato tornando-se irrisório, comparado com os ganhos futuros, ou seja, a PMFS perde a possibilidade de ganhar milhares de reais pois não construiu o equipamento, renda esta que poderia seria destinada para o cidadão feirense, em educação, saúde e saneamento básico.

Segundo um trabalho de campo realizado pela Incubadora de Economia Popular e Solidária (IEPS/UEFS, 2019), foram estimados 952 camelôs (novecentos e cinquenta e dois) e 414 (quatrocentos e quatorze) ambulantes nas principais ruas, praças e na Avenida Senhor dos Passos (TABELA 01), dando um total de 1366 (mil trezentos e sessenta e seis) pontos de trabalho informal, porém é importante destacar, que cada um desses camelôs agregam uma certa quantidade de pessoas trabalhando, e no Estudo da IEPS, a mesma não conseguiu extrair informações do calçadão da Sales Barbosa, Rua Geminiano Costa e parte da Avenida Getúlio Vargas, esses que também são importantes vetores da economia informal.

Nas principais ruas, praças e avenidas foi possível verificar um elevado número de pessoas imersas ao trabalho informal, que produzem a paisagem urbana feirense em suas singularidades. A questão é, após destruir a paisagem de Feira de Santana, haverá espaço para todos esses trabalhadores no Cidade das Compras?

Tabela 1 – Estimativa dos trabalhadores nas ruas de Feira de Santana – 2019

Rua	Camelôs	Ambulantes
Rua Barão de Cotegipe	26	10
Rua Carlos Gomes	3	19
Rua Conselheiro Franco	38	40

Avenida J.J. Seabra	10	17
Rua Leonardo Borges	55	1
Rua Marechal Deodoro	311	98
Rua Olímpio Vital	26	15
Rua Recife	63	78
Rua Sete de Setembro	10	6
Rua Visconde do Rio Branco	7	14
Rua Vitorino Gouveia	29	2
Avenida Senhor dos Passos	225	36
Praça Bernardino Bahia	28	67
Praça Nordestino	37	X
Praça da Bandeira	28	4
Praça do Tropeiro	56	7
Total	952	414

Fonte: Incubadora de Economia Popular e Solidária, 2019.
Elaboração: o autor, 2020.

Na contagem feita pela IEPS (2019), o número de camelôs não reflete o número de pessoas que trabalharam em cada "barraca", tendo em vista que existem camelôs que trabalham mais de uma pessoa, ou seja, os 952 camelôs fazem parte da contagem preliminar, onde é possível depreender que se a cada "barraca" trabalham entre 3 ou 4 pessoas da mesma família ou não, teríamos entre 2856 e 3808 pessoas trabalhando apenas nessas ruas, praças e avenidas. Ou seja, é importante lembrar que o calçadão da Sales Barbosa, que é um dos maiores vetores dos dois circuitos da economia, onde eles se transmutam em Feira de Santana, não foi aqui contabilizado, logo segundo a IEPS (2019, p. 02):

> [..] pensando nos pontos fixos e na possibilidade de termos 2, 3 ou mais pessoas trabalhando, como é o caso de uma barraca de acarajé, na avenida Senhor dos Passos, onde trabalham 5 pessoas e outras que tem avô, pai e filhos retirando seu sustento, **são cerca de 5 mil pessoas nas ruas**, avenida e praça contadas.

Dessa forma é importante compreender que existe um comércio informal com grande potência na cidade de Feira de Santana, onde centenas de pessoas fazem da rua o seu sustento, levando em consideração que devido a não conclusão da contagem de trabalhadores de rua, é possível depreender que o Cidade das Compras não conseguirá agregar todos os camelôs, ambulantes e os artesãos (FIGURA 10) do antigo Galpão de Artesanato que foi demolido para a construção do *Shopping.*

FIGURA 10 – Espaço provisório do antigo Galpão de Artesanato



Fonte: o autor, 2019

Logo é preciso observar segundo Ortigoza (2010, p.08) que "o grande desafio é buscar uma análise integrada do problema, ou seja, conjugar a abordagem das formas comerciais com as vivências, as experiências e as práticas urbanas", sendo que Feira de Santana possui vivências e experiências especificas e subjetivas, principalmente na sua história que proporcionou a atual organização espacial, e dando novos rebatimentos nos moldes do *modus operandi* do comércio formal e informal, assim como é possível verificar na figura 11 (DIAS, 2019).

Na figura 11, é possível observar que mesmo modernizando os espaços da cidade, a feira livre, o comércio ambulante e os trabalhadores de rua vão se apropriar desse equipamento, tendo em vista o *modus operandis* de consumo do cidadão feirense, no qual para os mais pobres torna-se vantajoso fazer suas compras no comércio informal, onde não pagam impostos e tributos ao Estado. Nessa figura 11, podemos verificar que o antigo (feira livre) e o novo (Cidade das Compras) fundiram em um só. Pois os engenheiros do Cidade das Compras e a PMFS utilizaram o espaço onde antes era o estacionamento que ocorria a feira livre no Centro de Abastecimento, logo a feira se torna um exemplo de resistência nesse contexto de produção de território.

FIGURA 11 – Interior do Cidade das Compras



Fonte: o autor, 2020

CONCLUSÃO

O município de Feira de Santana, possui uma grande capacidade de conexão com outros pontos no espaço, em específico por conta das BR's, BA's e do aeroporto, colocando-o como ponto nodal de uma estrutura em rede, na qual há ligação com municípios maiores e de pequeno porte. Então ele encontra-se em uma verdadeira encruzilhada, em seu emaranhado de fluxos no espaço, fluxos estes horizontais e verticais.

A cidade de Feira de Santana possui uma enorme capacidade de centralizar fluxos de capital e pessoas, pois o seu comércio é de alongado poder centralizador, assim como, os serviços que ela oferece. Características essas que são proporcionadas pela sua localização geográfica, seu contexto histórico e sua envergadura ao comércio e serviços das múltiplas dimensões que são: o circuito inferior e o circuito superior da economia. Fenômenos que se transmutam no espaço urbano da cidade.

O comércio proporciona a vida na/da cidade com maior intensidade, pois se não houver o que consumir, a cidade perderia seu interesse para o capital, consequentemente para os consumidores. Feira de Santana, possui um comércio com formas e funções que são atrativas aos

usuários dos espaços da cidade, mas no século XXI não mais o comércio é um imperativo na cidade, mas também o setor de serviços, pois ao mesmo tempo em que consumidores se deslocam cerca de 100km ou mais para comprar determinadas mercadorias na cidade, usam das suas estadias para resolverem outras questões da sua vida pessoa/profissional por meio dos serviços ofertados na cidade.

São pensados equipamentos urbanos e rurais para os consumidores com poder aquisitivo, em contrapartida os assalariados passam a consumir mercadorias destinadas as suas classes sociais em outros equipamentos, e cada espaço é consumido de uma forma distinta, e esses espaços de consumo estão impressos na paisagem da cidade, denotando onde cada uma das camadas sociais vai consumir.

O *Shopping* Popular no Brasil é pensado para ser um espaço de consumo de uma camada social baixa, os assalariados, os trabalhadores informais, pessoas de baixa renda e turistas, pois é nos *Shopping's Center's* que a sociedade do consumo de camadas mais elevadas se apropria dos espaços. Então Camelódromos são construídos e denominados como *Shopping* Popular, sendo então utilizados como meio para higienizar as ruas e avenidas das cidades, realocando os trabalhadores de rua para um espaço confinado.

O *Shopping* Popular não seria apenas para realocar comerciantes ambulantes, e camelôs para um local fechado, mas também com a tentativa de ocultar da paisagem urbana as mazelas sociais consolidadas pelo modo de produção capitalista na estrutura social brasileira, e ainda efetivando o enriquecimento do setor privado que constrói os equipamentos e os gerem por longas décadas, assim como em Feira de Santana que será por 30 anos, concessionando os *box's* a trabalhadores que antes não pagavam para trabalhar, a não ser as taxas e juros do Estado.

E é nesse contexto que temos o *Shopping* Popular Cidade das Compras, inserido na área do Centro de Abastecimento, o qual podemos encontrar as duas dimensões do circuito da economia, o superior e o inferior. No caso do inferior nós encontramos os feirantes, os donos de *box's* e todos os sujeitos que estão inseridos ali e permeia por esse circuito; no caso do superior nós temos as empresas registradas com CNPJ, que estão inseridas no Centro de Abastecimento, e para além disso, elas possuem também a capacidade metabólica de gerar emprego e renda.

É preciso deixar claro também que esses trabalhadores de rua, exercem sua função nos circuitos mais movimentados de Feira de Santana, ou seja, os vetores da economia informal, onde há um fluxo incalculável de pedestres dispostos a comprar os produtos por eles vendidos. Ao serem realocados para um espaço distante do fluxo e obrigados a pagar a concessão do uso do solo,

água, luz e *internet*, eles podem vir a sucumbir com tantas taxas, e sem acesso a um público consumidor.

O processo licitatório para a construção do Cidade das Compras foi um tanto que "obscuro", pois vale ressaltar, não foi possível ter acesso a documento de grande importância para a escrita dessa pesquisa. É preciso levar em consideração também que são 1800 *box's* ofertados aos trabalhadores de rua, mas a empreiteira também construiu *box's* para vender a quem o deseja-se, no qual um *box's* de 4x4m² custará o valor de R$45.000,00[10], mais todas as outras taxas que os trabalhadores de rua iram pagar.

É importante pensar que ao "comprar" o direito de uso do solo urbano, o usuário poderá apenas utilizar aquele solo por 30 (trinta) anos, e ainda pagará uma concessão pelo espaço que a ele foi "vendido" que varia entre R$450 e R$500[11]. Os trabalhadores de rua que serão remanejados para o Cidade das Compras, pagaram também um "aluguel" do solo urbano que varia entre R$450 e R$600[12], por durante 30 (trinta) anos. Nesse caso não é a compra, é o pagamento pela concessão de uso do solo.

O comércio de rua de Feira de Santana é conhecido no Estado da Bahia e em outros Estados, desde a sua fundação enquanto cidade, até o tempo presente[13], a cidade é uma potência em ambas as dimensões dos circuitos da economia, tanto no inferior quanto no superior. A cidade mesmo possuindo cerca de 614 mil habitantes (IBGE, 2019) e se categorizando enquanto cidade médio porte. Os seus habitantes possuem uma relação com a "rua"[14] singular, pois é nela onde eles fazem as compras do mês, compram roupas, eletroportáteis, materiais de limpeza, frutas, legumes dentre outros, seria onde a vida cotidiana da cidade se manifesta. Dessa forma em muitos casos não importa qual seja a camada social, eles vão transitar pela rua em busca de produtos para consumir.

Então as ruas da cidade produzem uma paisagem singular, pois são nesses espaços onde a vida acontece e o capital se (re)produz, a interpretação que cabe aqui, seria a de que Feira de Santana tornou-se uma cidade de médio porte com equipamentos urbanos importantes para os diversos setores da economia, porém os seus habitantes não conseguiram depreender esse crescimento, por questões culturais que permeiam o imaginário coletivo do sertanejo, levando em consideração que facilmente veremos um "carroceiro" transportando desde entulhos, até móveis nas ruas e

[10] Valores referentes ao ano de 2020.
[11] Valores referentes ao ano de 2020.
[12] Valores referentes ao ano de 2020.
[13] Aqui nos referimos ao ano de 2020.
[14] Aqui nos referimos a rua propriamente dita, onde transitam os veículos e pedestres.

avenidas da cidade, e em muitos casos também atravessando os viadutos, disputando o espaço com veículos, seria o antigo e o novo na mesma paisagem.

Os habitantes produzem suas práticas sociais, como se Feira de Santana fosse uma cidade pequena. Logo o ideal de modernidade proposto pelo Estado, é uma verdadeira falácia, pois Feira de Santana não conseguirá se "modernizar" nesses moldes enquanto manter uma estrutura social arcaica. Mesmo que o Estado retire todos os camelôs e ambulantes das ruas, calçadas e praças aqui apresentadas, os mesmos vão buscar outros espaços para se materializarem e (re)produzirem um território de resistência e poder, assim como, a feira livre da década de 1970 o fez, migrou para outros bairros e para o Centro de Abastecimento e tornou-se mais forte.

No século XXI, mais específico na segunda década, a construção do equipamento urbano conhecido como *Shopping* Popular Cidades das Compras, vem devastando a paisagem, a cultura, reterritorializando, causando incertezas nos trabalhadores de rua, e nos trabalhadores do Centro de Abastecimento. Tal medida é facilmente compreendida como a Modernização Conservadora, com a tentativa de modernizar o Centro comercial da cidade em detrimento dos sujeitos que estão ali inseridos (re)produzindo espaço, capital, território e cultura, mantendo assim, uma estrutura social arcaica.

É preciso deixar claro que no decorrer da pesquisa, alguns pontos não foram contemplados, pois no período de levantamento de dados no campo, associados a redação do texto, o Planeta Terra enfrentou a Pandemia do coronavírus Sars-Cov-2, causador da doença COVID-19, impossibilitando assim, a ida a campo. Nesse período também ficaram suspensas as atividades comerciais, e foi preciso que praticar o isolamento social, questões essas que dificultaram ainda mais o acesso as informações.

No período da conclusão deste texto[15] o Cidades das Compras já estava pronto para a entregar aos comerciantes as chaves dos *box's*, porém devido a pandemia de COVID-19, foi suspenso para evitar aglomerações. Houve inúmeros atrasos envolvendo a obra do *Shopping* Popular Cidade das Compras, como a estrutura é de má qualidade provocando infiltrações, diversos embargos da justiça, problemas judiciais que a o Grupo UAI enfrentou e ainda enfrenta, dentre tantos outros impasses.

Mas aqui suscitamos questões para uma pesquisa vindoura, que poderá ser pensada e colocada em prática por outros pesquisadores, o Poder Público conseguiu realocar todos os trabalhadores de rua para o Cidade das Compras? Foi possível requalificar e modernizar o Centro comercial de Feira de Santana? Como estão as condições de trabalho dos artesões do Centro de

[15] Final do segundo semestre de 2020.

Abastecimento? A feira livre conseguiu se tornar resistência dento do equipamento Cidade das Compras? São estas as indagações que movem a presente pesquisa.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. O. Redes e centralidade em Feira de Santana (BA): o Centro de Abastecimento e o comércio de feijão. *Dissertação (Mestrado)* – Pós-Graduação em Geografia Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

AUGUSTO, R. O.; FRANÇA, C. L. Regulamentação do comércio informal. *Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES)*. Disponível em: http://federativo.bnds.gov.br/dicas/hgdtd072.htm 2020

BAHIA. *Diário Oficial Municípios, República Federativa do Brasil* - Estado da Bahia- Salvador, quinta-feira, - ANO C - No 21.807, 29 de outubro de 2015.

BAHIA. *Diário Oficial Municípios. República Federativa do Brasil* - Estado da Bahia, Salvador, - ANO C - No 21.807, quinta-feira, 29 de outubro de 2015.

CORRÊA, R. L. *O Espaço Urbano*. Ed. ATÍCA. São Paulo, 2003.

DIAS, A. A. G. *De Centro de Abastecimento a Shopping Popular: a modernização do espaço urbano na cidade de Feira de Santana-BA*. Relatório Técnico Final de Iniciação Científica. Feira de Santana/BA: FAPESB – Universidade Estadual de Feira de Santana. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE)**.** *Síntese de indicadores sociais*: uma análise das condições de vida da população brasileira / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro, 2019. 5759- <https://ww2.ibge.gov.br/home5759-brasil.html?=&t=downloads>, acessado em 01 de março de 2020.

_____(IBGE). *Estatísticas*: banco de dados. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br//home/estatistica/populacao/contagem2007/contagem.pdf>, acesso em: 01 de março de 2020.

_____(IBGE). *Base Cartográficas Continuas - Brasil.* Disponível em: <https://www.ibge.gov.br//geociencias/cartas-e-mapas/basescartograficascontinuas/1 indicador=47009>, Acessado em: 10 de janeiro de 2020.

_____(IBGE*). Cidades:* Banco de dados. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/feira-de-santana/pesquisa//38/46996?tipo=grafico&indicador=47009>, Acessado em: 10 de janeiro de 2020.

KOPPER, M. DE CAMELÔS A LOJISTAS: a transição do mercado de rua para um shopping em Porto Alegre*. Caderno C R H, Salvador, v. 28, n. 75*, p. 591-605, Set./Dez. 2015.

LAKATOS, E. M. & MARCONI, M. de A. *Técnicas de pesquisa***.** 3ª edição. São Paulo: Editora Atlas. 1996.

OLIVEIRA, A. A. de; PONTE, J. R. T. da. Capital, Estado e Sociedade no século XXI. *Universidade e Sociedade / Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior* - DF, ano XIX, nº 44, julho. 2009.

OLIVEIRA, A. M. S. D. F. de. Conflitos do espaçoracionalizado. *Para Onde? Revista eletrônica.* v. 1, n 1 (2007). Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/paraonde/article/view/22064> Acesso em: 12/09/2019.

ORTIGOZA, S. A. G. *Paisagens do consumo:* São Paulo, Lisboa, Dubai e Seul. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 232 p. 2010.

PADILHA, V. Shopping Center: a catedral das mercadorias e do lazer reificado*. (Tese de doutorado em Ciências Sociais),* Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas – SP 2003.

PMFS. *Secretária Municipal do Trabalho, Turismo de Desenvolvimento Econômico do Município de Feira de Santana* (SETTDEC), Disponível em: <http://www.feiradesantana.ba.gov.br/secretarias.asp?id=9#sec>, acessado em 19/02/20

SANTOS, J. A cidade poli(multi)nucleada: a reestruturação do espaço urbano em Salvador. 2008, f. 402. *(Tese de doutorado em Geografia),* Universidade Estadual Paulista – UNESP, Presidente Prudente – SP, 2008.

SANTOS, M. *O espaço dividido:* os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

_____,_. *A natureza do espaço:* técnica e tempo. Razão e emoção. 4ª ed. São Paulo: Edusp, 2006.

_____,_. *Metamorfoses do Espaço Habitado:* Fundamentos Teóricos E Metodológicos Da Geografia. Em colaboração com Denise Elias. ed. 6º - São Paulo: Editoria da Universidade de São Paulo – edusp – 2008.

_____,_. *O espaço dividido:* os dois circuitos da economia dos países subdesenvolvidos - Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

SILVA, A. M. R. REQUALIFICAÇÃO URBANA: o exemplo da intervenção Polis em Leiria. *Dissertação de Mestrado em Geografia***.** Faculdade de Letra da Universidade de Coimbra, Portugal. 2011

SILVA, A. M. R. (2011). *REQUALIFICAÇÃO URBANA: o exemplo da intervenção Polis em Leiria.* (Dissertação de Mestrado em Geografia). Faculdade de Letra da Universidade de Coimbra, Portugal.

SISTEMA ELETRÔNICO DE INFORMAÇÕES | ESTADO DA BAHIA. (SEI/BA). **Indicadores municipais**: base de dadoxs. Disponível em:<http://www.sei.ba.gov.br/site/resumos/indicadores/indicadores_2910800.pdf>, acesso: 01 janeiro. 2020.

SISTEMA ELETRÔNICO DE INFORMAÇÕES | ESTADO DA BAHIA. (SEI/BA). **Resumos:** base de dados. Dinponível em: < http://www.sei.ba.gov.br/site/resumos/notas/2910800_NOTA.pdf>, acesso: 01 janeiro. 2020.

UEFS. *Contagem Parcial de Camelôs e Ambulantes do Centro Comercial De Feira De Santana/Ba*. INCUBADORA DE ECONOMIA POPULAR E SOLIDÁRIA (IEPS)**.** Universidade Estadual De Feira De Santana **–** UEFS, Feira de Santana, 2019, novembro 25.

VIRGENS, S. C. A. das. Shopping Center e a produção do espaço urbano em Salvador-BA. ***(****Dissertação de Mestrado em Geografia)*, Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador – BA 2016.